

ÁGORA D@S HABITANTES DA TERRA A CAMINHO DE UM PACTO DA HUMANIDADE



VERONA - 2018

ÁGORA D@S HABITANTES DA TERRA¹

| | |
|--|------|
| Sumário | |
| Introdução | p.02 |
| A Ágora d@s Habitantes da Terra: imaginação, visões e consciência | p.04 |
| • A vida, a terra, os habitantes | p.04 |
| • Contrastes, desigualdades, conflitos, busca por identidade e segurança | p.06 |
| • As três consciências e novas visões constituídas | p.07 |
| Por um Pacto da Humanidade | p.09 |
| Conclusão | p.16 |

Sezano, 15 de janeiro de 2019.

Somos cerca de 200 pessoas, mulheres e homens vindos da África, América Latina, Ásia e Europa, que se conheceram em Sezano (comunidade próxima de Verona/Itália) da noite de 13 de dezembro a tarde de 16 de dezembro, de 2018. Nós passamos estes momentos memoráveis no incrível Monastério dos Bens Comuns de Sezano, e o clima favorável nos deu maravilhosos dias de sol.

Denominamo-nos Habitantes da Terra por que acreditamos que devemos pensar e agir juntos, enquanto habitantes do planeta Terra - e não somente como cidadãos brasileiros ou italianos, chineses ou russos, indianos ou nigerianos. Este é o caminho para modificar o futuro da vida na Terra, saindo do estado crítico que nós mesmos criamos depois de séculos exploração econômica brutal e guerras devastadoras.

Nos encontramos perseguindo objetivos práticos, convencidos de que a pluralidade dos caminhos é a condição indispensável para fazer com que a humanidade se transforme em um sujeito jurídico e político-institucional público. Este sujeito é a chave para vivermos juntos em paz, como Habitantes da Terra, salvaguardando e cuidando dos bens universais da comunidade global que sustenta a vida na Terra. Pensamos que podemos interpretar os sentimentos profundos de todos os grupos, associações e movimentos que acreditam que o futuro da vida será promissor apenas se conseguirmos reconhecer um ao outro mutuamente, com o desejo de vivermos juntos em cooperação para o benefício de todos.

Foram três belos dias, de apaixonados debates, partilha de ideias, encontros, música e muitas propostas; estamos plenamente conscientes de que as desigualdades entre as pessoas, comunidades humanas e populações continuam estruturalmente sérias e inaceitáveis. Estamos além de certa melhora geral nas condições de vida da população do mundo (aumento na expectativa de vida). O poder do nosso encontro está convicção de que desigualdade e suas duas maiores consequências, guerras e pobreza/exclusão, por um lado, nem a destruição da vida na Terra, pelo outro lado, não são fenômenos naturais e inevitáveis. É possível reverter este quadro se tivermos coragem de fazer mudanças radicais e necessárias. Acreditar que podemos nos transformar sem mudar os princípios fundadores do sistema econômico e político vigente, centrado na guerra e totalmente submetido às oligarquias de poder dos Estados nacionais, é pura ilusão.

Os fatos confirmam que a paz nunca foi alcançada através da guerra, e/ou, em anos recentes, que a vida e economia do planeta também não se salvaram com o resgate dos bancos com dezenas de trilhões de euros e dólares tirados dos custos de populações mais pobres. Como intencionamos, nós

¹ Documento elaborado e aprovado pelos participantes da Ágora sob proposta inicial de Riccardo Petrella.

desenhamos e aprovamos juntos na Ágora d@s Habitantes da Terra um Pacto da Humanidade. Ele mostra que a audácia por mudança é um grande ato de sabedoria humana, comunitária e política. A continuidade da vida, hoje em risco existencial, terá de ser salvaguardado pelo espírito de criatividade utópica de comunidades, na pluralidade de visões e entendimentos; de responsabilidade coletiva e fraternidade planetária. Imbuídos deste espírito, dividimos os resultados da Ágora em duas partes:

- A Ágora d@s Habitantes da Terra como uma expressão da criatividade utópica e da pluralidade do viver
- Por um Pacto da Humanidade, uma articulação concreta da responsabilidade coletiva para a existência da Terra, lugar de comum da vida de todos os habitantes.

PREMISSAS

A Ágora teve três fases:

- A fase preparatória durante a qual 13 grupos foram formados e trabalharam na Argentina, Bélgica, Brasil, Chile, França, Alemanha, Itália, Canadá...
- A Ágora propriamente dita durou 3 dias, começando com uma celebração e seguida de apresentação e discussão dos relatórios feitos pelos 13 grupos de trabalho, além de contribuições das municipalidades na Carteira de Identidade “Habitação da Terra” e outras contribuições que surgiram nas sessões, incluindo um sessão especial focada na questão da água.

Os documentos mencionados abaixo são parte da “herança escrita e audiovisual da Ágora”. A coleção está disponível no website da Ágora:

<http://audacia-umanita.blogspot.com>

1. O programa da Ágora
2. As vídeo-imagens de POUR (B) com fundo musical (música de Léon Gieco, “No país da Liberdade)
3. Mensagem de Mikhail Gorbachev aos participantes da Ágora|
4. Os relatórios dos 13 grupos de trabalho pré-Ágora (em línguas originais e, para muitos deles, as outras línguas de trabalho presentes na Ágora)
5. O relatório da plenária apresentando os 13 relatórios preparados pelo presidente da sessão (em italiano, inglês, espanhol e francês)
6. A nota sobre a carteira de identidade mundial (e cópia das resoluções de municipalidades que aderiram à iniciativa pré-Ágora)
7. O CD contendo a performance musical de Maria Palantine. Cópia também das letras das músicas, lidas por Bernard Tirtiaux
8. A descrição da Jai Jagat 2020, de Pare o Comércio de Armas, e das duas propostas de “Democracia sem Fronteiras”
9. A cópia das fotos da exposição de Chiara Sibona, intitulada “Ombros e Mãos”, sobre o trabalho de mulheres
10. O Apelo às Consciências promovido pelos “Diálogos em Humanidade”, rede à qual a Ágora se juntou\

PS: Todos os trabalhos em plenária da Ágora foram registrados e vídeo e estão disponíveis por demanda, com uma pequena contribuição.

A. A ÁGORA D@S HABITANTES DA TERRA: Imaginação, visões e consciência

Em sua mensagem aos participantes da Ágora, Mikhail Gorbachev, último presidente da URSS e vencedor do prêmio Nobel da Paz, escreveu: “Eu fiquei feliz e encorajado de saber de vossa iniciativa de reunir esta Ágora de Habitantes da Terra sem precedentes (...) Em vez de buscar os caminhos de encontrar soluções comuns para nossos dramáticos problemas, diminuir tensões e contrastes sociais, os líderes políticos e as elites econômicas, militares e lobistas industriais cometem ações irresponsáveis e agravam a crise planetária (...) Vossa inspiradora iniciativa... pode constituir-se em um passo favorável na percepção de que todos os seres humanos pertencem a uma comunidade global responsável pela manutenção da vida na Terra.”

• A VIDA, A TERRA, OS HABITANTES

1. Como seres vivos (humanos, micróbios, plantas, espécies animais), nós somos todos Habitantes da Terra. A Terra é nosso lugar de vida (*oikos*), nossa casa comum. A Terra são os infindáveis e variados lugares onde humanos e outras criaturas vivas tem o hábito de viver, seja nas montanhas, nas florestas tropicais ou no deserto, mar ou lagos, cidades ou grandes metrópoles. Nenhum ser humano e nenhuma organização humano pode ser proprietária da Terra.
2. O hábito de viver em um ou mais lugares na Terra significa que uma das principais características dos habitantes da Terra é: precisamos aprender, e continuar aprendendo, a viver juntos. Isso se refere não somente a lugares de primeira ou direta proximidade e pertencimento histórico (minha casa) mas também aos lugares distantes e abstratos da comunidade global da vida (a grande casa de todos os bilhões de desconhecidos diversos que jamais chegaremos a conhecer).
3. Especialmente nos últimos dois séculos, a terra se tornou casa para mulheres e homens de todas as partes do mundo, vivendo juntos por longos ou curtos períodos de tempo, criando “Comunidades de Habitantes” da Terra multiculturais, multilíngues, multireligiosa e multiétnicas. A sua vitalidade e beleza reside justamente na pluralidade e variedade de suas interconexões.
4. Seres humanos habitam a Terra, mas eles não são nem os primeiros nem os únicos habitantes da Terra. Todas as criaturas vivas fazem parte da vida na Terra. Como todas as espécies vivas, os seres humanos são resultado da evolução da vida na Terra. A origem da vida tem aproximadamente 3.7 bilhões de anos. A Terra já foi “inabitada”, um planeta sem vida por 800 milhões de anos. A primeira forma de vida que apareceu foram os micróbios, depois plantas, depois animais aquáticos. Apenas com cenas de milhões de anos a vida se expandiu da água para a terra. A espécie humana está entre as mais recentes do planeta. A estimativa é de que os seres humanos estão vivendo aqui por 220.000 anos. Há pouco tempo falou-se de 25.000 anos.
5. Nenhum organismo vivo, sejam baleias, florestas, espécies ou partes da espécie humana, pode ser excluído de habitar a Terra em bom estado existencial e ecológico. Esse é o real e profundo sentido histórico das lutas contra as ações que são a fonte de extinção das espécies vivas (lembrar do emblemático caso das abelhas). Portanto, não tem nenhum poder ‘natural’ ou ‘conquistado’ que possa legitimamente proibir que um ser ou comunidade humana habite a Terra com dignidade, igualdade de direitos e responsabilidades. Por esta razão, a exclusão,

segregação e opressão da vida de grupos, categorias ou comunidades humanas, devem ser tratados como atos criminais que devem ser condenados sem nenhuma restrição. Nos anos recentes, o crime legalizado foi permitido por medidas de legisladores e a administração dos governos, que aumentaram consideravelmente, especialmente no campo financeiro, a exploração inconsciente de recursos e ecossistemas naturais, e de populações migrantes.

6. Hoje o ser humano está duplamente expropriado de sua humanidade. Primeiramente, como cidadão, pois o Estado (em geral, dito “nacional”), fez do cidadão sua propriedade exclusiva. Você é um “cidadão” somente se um Estado adiciona o atributo “nacional” a esta categoria: italiano, alemão, russo, americano, etíópico ou chinês. Sem este atributo, ninguém é considerado um verdadeiro cidadão tendo válidos direitos e deveres (ver caso de “viajantes” ou “migrantes” em busca de um novo lugar para viver). Em segundo lugar, como pessoa, por que o sistema econômico dominante considera cada ser humano apenas um “recurso” para a economia, cujo valor é determinado apenas baseado em sua capacidade de contribuir com a criação de benefícios para o capital ou investidos. Um ser humano que não é um cidadão propriedade de um Estado e não é um recurso economicamente lucrativo para o capital, atinge os mais eficientes critérios para ser excluído da vida. Libertar os seres humanos das garras desses poucos representantes do capital é um dos passos mais urgentes e efetivos para a construção da Humanidade.
7. Nem seres humanos, formigas, ou bactérias necessitam ser “reconhecidos” por outras espécies viventes para poder existir e viver. Pelo contrário, para poder vivermos juntos, existe a necessidade de definir relacionamentos e estabelecer regras. A história da vida na Terra é a constante busca e realização de formas relacionais de coexistência e convivência, que são cada vez menos violentas e exclusivas. Isso é demonstrado pela evolução do pensamento jurídico e das práticas de jurisprudência nas sociedades humanas, as quais se moveram de uma visão estritamente antropocêntrica para uma holística e biocêntrica, incluindo a totalidade das criaturas viventes (o mundo dos genes, o vegetal, animal, humano...). Por conseguinte a importância do desenvolvimento dos direitos das plantas, animais, a “natureza”, e um novo reconhecimento (desde 2017) do status legal de cinco rios...

- **CONTRASTES, DESIGUALDADES, CONFLITOS, BUSCA POR IDENTIDADE E SEGURANÇA**

8. Por aproximadamente 50 anos, a rápida globalização do sistema econômico dominante (mercado capitalista e sistema financeiro) e as mudanças simultâneas, profundas e “revolucionárias” nos campos científico e tecnológico que provocaram uma reviravolta no imaginário sobre o mundo e a vida. Os novos princípios básicos impostos pelos grupos sociais dominantes mudaram o “modo de ver o mundo”: tudo, ou quase tudo, se tornou mercadoria, privatizável, inclusive as formas de vida. O dinheiro não é mais público. Os mercados financeiros tem poder político real, não governos e nem os parlamentos eleitos. Os “mestres” da informação e tecnologias biogenéticas comandam o futuro. O mundo está nas redes, realidades virtuais e cidades globais. Todos sofrem de uma convulsão cibernética, enfrentando a “transição ecológica” lutando por sobrevivência e poder. A violência está se espalhando cada vez mais, de forma extensiva e global. Contradições mútuas e exclusões estão crescendo: ninguém quer estar de fora da globalização-pop, mas os mais ricos são aqueles que

pregam inovações e soluções locais. Eles tentam defender o tradicional nacionalismo como algo “novo”, com foco em identidades locais.

“Todos querem estar no topo e admiram o ‘boom’ de riqueza no Qatar/Dubai e o poder da China (novo competidor/inimigo dos EUA), mas não estão seguros ainda, estão com medo do futuro e tentarão salvar a “sua casa”, a segurança de seu próprio lugar e comunidade. Existem aqueles que bloqueiam as fronteiras, querem construir muros gigantes, e impedir que imigrantes acessem os portos, e em vez disso criam muitos quilômetros quadrados de áreas para acomodar os containers do mundo. Mais além, existem aqueles que gritam por supremacia dos brancos e juram a verdade de seus Deuses. Por outro lado, existem aqueles que estão sempre marchando pela paz e justiça por todo o mundo. Existem mulheres, principalmente na Índia, América Latina, Palestina, lutando contra todas as formas de violência, milhões de jovens protestando contra o mercado de armas. Agricultores asiáticos, latino-americanos, africanos lutando por uma transformação radical na forma de interagir com a Terra. Milhões de cidadãos estão demonstrando nas ruas a sua oposição à destruição da vida no planeta, e se revoltando contra a violência cega do predatório sistema financeiro global. Os “trabalhadores pobres” denunciam com força as novas formas de escravidão às quais estão submetidos. A Ágora d@s Habitantes da Terra claramente escolheu seu campo: estamos do outro lado.

9. Além disso, existe um sentimento crescente de que é inaceitável rejeitar as mais compreensivas e inclusivas formas, que vão além da desigualdade de renda que divide e fragiliza seres humanos em sua dignidade, direitos, responsabilidades, liberdade e democracia. Isso acontece por que os seres humanos se tornaram mais conscientes das novas especificidades da condição humana no contexto da recente evolução da vida na Terra, e nosso papel fundamental

• AS TRÊS CONSCIÊNCIAS E NOVAS VISÕES CONSTITUÍDAS

10. *Superar o antropocentrismo.* Apenas alguns séculos atrás, começando pelo Ocidente, os seres humanos pensaram em criar não apenas um modo de vida distinto de outras espécies, mas também uma forma de superioridade em relação às outras espécies, e que todas as outras criaturas estariam subjugadas a isso. Por conseguinte, a clara oposição entre “ser humano” e “natureza”. Hoje em dia, a distinção persiste entre a espécie humana (humanidade) e outras formas de vida, as agora estamos mais conscientes de que somos uma parte do ecossistema integral da vida na Terra e sua evolução. Nós somos seres humanos, pertencemos à “natureza”, somos “natureza”, e compartilhamos, em particular com os animais, uma parte significativa de nossa herança genética. Junto com as outras espécies viventes, formamos a comunidade global da vida na Terra, somos os “habitantes da Terra”. A comunidade global da vida na Terra é um conceito inovador em todos os níveis. Concretamente, no aspecto organizacional relacionado ao viver em conjunto, isso nos faz entrar na perspectiva histórica da institucionalização jurídica e política da comunidade global da vida. Quando falamos sobre “proteger” ou “resgatar” a vida na Terra, estamos falando sobre vida e lugares de existência de todos os habitantes do planeta, um novo arco global de percepção. Portanto, se a economia é um conjunto de “regras de administração da casa” (*oikonomia*), está claro que a economia

mundial da atualidade deve ser transformada em suas raízes, por que simplesmente se constitui baseada na desigualdade, injustiça, competição, guerra e exclusão.

11. *A era antropogênica.* É evidente que desde o século XIX a vida na Terra entrou no “Antropoceno”, na qual a evolução da vida é cada vez mais afetada pelas atividades humanas. Nós percebemos, especialmente pela bomba atômica e a contínua degradação causada pelos nossos modos predatórios de viver, que a humanidade é a única espécie viva capaz de perturbar o ciclo e causar a destruição da vida na Terra em sua totalidade. Isso desafiou nossas concepções coletivas e práticas de progresso, desenvolvimento, bem-estar, saúde, economia, guerra e desigualdade. Pelas mesmas razões, está causando a rejeição e violenta resistência à mudança por conta dos poderes e interesses dominantes representados no mundo por restritas oligarquias “locais”.
12. *O imperativo da segurança e responsabilidade global.* Capaz de perturbar e destruir a vida na Terra, a humanidade se tornou também consciente do fato de que é a única espécie humana capaz de assegurar sua própria proteção, sobrevivência e permanência no planeta. Portanto, é necessário tomar a responsabilidade de primeiro *player* a nível planetário. No passado, apenas poetas, artistas, filósofos, visionário (homens e mulheres), eram capazes de falar sobre a responsabilidade humana universal, responsabilidade ética global e planetária e hoje cada um dos habitantes da Terra podem / deveriam fazer isso. Não apenas falar sobre, mas fundamentalmente agir para construir uma capacidade efetiva da humanidade para criar um novo futuro para a vida no planeta em nome de todos os habitantes da Terra (isto é, para e com todos os habitantes da Terra)
13. Em uma perspectiva de longo prazo, o que é mencionado acima está muito relacionado com a educação, que não pode ser identificada, como acontece hoje em dia, com ensinar conhecimento e habilidades. Uma educação não apenas para crianças e jovens, mas também para adultos estimulando a consciência crítica e o pensamento em direção à criatividade individual e coletiva. De acordo com a filosofia Ubuntu, é uma questão de desenvolver o espírito de compartilhar, e não de supremacia ou aristocracia (o poder dos melhores em relação aos valores das forças dominantes, como ensinam as “escolas de negócios e gestão”). Uma educação, portanto, que não acontece somente em prédios, mas vivida nas ruas, casas, fábricas, hospitais, bancos. Nos grupos de trabalho da Ágora, nos quatro primeiros e durante os três dias de trabalho, o sistema educacional que prevalece no mundo atualmente foi criticado por que continua sendo um meio de (re)produção e manutenção de desigualdades, apesar das mudanças que aconteceram. Na verdade, ele legitima a guerra e a propriedade privada, exalta competição e sucesso individual, e substancialmente aumenta a inutilidade das coisas, apesar de usar uma linguagem que aparentemente deveria fazer o contrário. Os habitantes da Terra tem o dever de promover, assim como o direito de ter “acesso” à educação pública, cada vez menos privatizada. Especialmente a privatização de universidades é perigosa para as novas gerações que são conduzidas à aceitar que o conhecimento é primeiramente um bem econômico, uma commodity, e um meio de sobrevivência entre os outros. As crianças da humanidade não estão designadas para replicar os adultos de hoje, mas

devem se tornar os novos habitantes da Terra, capazes de proteger e salvaguardar a vida no planeta.

B. POR UM PACTO DA HUMANIDADE

Os princípios fundadores e processos constituintes

No vilarejo de Sezano, nós vivenciamos uma atmosfera de “assembleia constituinte”. Não foi apenas uma questão de se render em face às devastações que estão acontecendo no momento”, ou, pelo contrário, de se deixar mitificar um otimismo inocente que busca sempre o bem clamando “Somos positivos”. Assim, lançamos o desafio de definir os objetivos, meios e métodos de ação, que são específicos e concretos, mesmo que não seja fácil ou rápido de implementá-los. Eles tem, de fato, um longo prazo inerente, uma “natureza que constitui”. Em resumo, nós trabalhamos através da concepção de “laboratório de design” do que podemos/devemos nos tornar. Um “Pacto da Humanidade”, um novo contrato social global. Os pontos principais para nós foram: como podemos contribuir para ajudar a desenhar e mobilizar os processos que vão tornar a Humanidade capaz de ser a única entidade política-institucional e jurídica responsável por salvaguardar, proteger e sustentar a vida na Terra em uma escala planetária, em nome e junto com todos os habitantes da Terra?

Nós decidimos por iniciar uma “constituinte permanente”, a *Ágora d@s Habitantes da Terra*, um movimento de espaços e oportunidades em formação, sem cercas e muros, oferecendo metafórica e realmente um espaço aberto. Nós sistematizamos o que emergiu dos 4 grupos de princípios fundadores e caminhos constituintes (PPC)

PPC1. Por um futuro da vida na Terra baseado nos princípios de que a vida é sagrada e gratuita e de que a humanidade é responsável por isso

PPC2. Erradicar os fatores estruturais que geram desigualdade, visto que a pobreza e a exclusão são o principal “roubo de vida”

PPC3. Substituir a lógica da guerra pela lógica da segurança coletiva e a distribuição do poder entre todos e todas os(as) habitantes da Terra (diretamente entre humanos e através de representação pela Humanidade)

PPC4. As primeiras ferramentas de trabalho para colocar em marcha a concepção e implementação do Pacto da Humanidade

PPC1

Forte, presente e unânime foi a referência do quão sagrada é a vida diante dos processos de commoditização e comercialização de todas as formas de vida disseminados por toda a Terra, que culminou em 2012 no Cúpula do Terceiro Mundo na Terra, no Rio de Janeiro. De fato, nesta ocasião, as elites da “comunidade internacional”, que se expressaram através da ONU, reconheceram a necessidade e importância da “monetização da natureza” (“*precificação do natural*”, “*bancos de ativos naturais*”). A vida tem valor por si mesma, o qual não pode e não deve ser mensurado por termos monetários. A dominação atual do ter em vez do ser é inaceitável. Nesse contexto, não há lugar para nenhuma abordagem integral e efetiva espiritualidade do corpo e da mente humana. Esse princípio foi discutido e proclamado durante a *Ágora* como um inevitável pilar para conseguir eliminar as desigualdades de gênero.

As desigualdades de gênero tem sido tópico de consideráveis intervenções sociais de muito valor político, assim como humano e ético. A distância entre palavras e fatos continua inaceitável. É necessário libertar a si mesmo da dominação e escravidão do corpo usado por homens e mulheres como um meio de luta/dominação entre gêneros, mesmo dentro de cada um dos gêneros. Longe de diminuir, a commoditização das mulheres tende a aumentar e também a violência entre os gêneros. Os homens brancos que tem a primazia são os principais atores que agem contra a humanidade, mas os indiferentes também não ficam atrás. A solução não vai primeiramente pela eliminação de obstáculos, que são muitos em relação ao “acesso igualitário à oportunidades”, mas através da mudança radical na visão humana em relação a imagem que os homens impuseram às mulheres e em si mesmos. **Prioridade deve ser dada a agir não em favor das “reais diferenças em princípio de igualdade”, mas “em favor da real igualdade, respeitando diferenças em princípio”.**

Estritamente conectado à dimensão sagrada da vida, e não para ser confundido como algo necessariamente religioso, o princípio da vida como um presente livre. A qualidade de ser gratuito não significa, como foi dito em Sezano, a ausência de “custos” monetários e não-monetários para os bens e serviços públicos que são essenciais para a vida e garantidos a todos como direitos. Isso significa que, para se preparar para as mudanças necessárias em direção à desmonetização e desmercantilização, a comunidade coletiva é responsável por esses custos através do sistema de impostos dentro do orçamento público. Os custos desses direitos são parte da *res publica* e responsabilidade da coletividade social. Os trabalhos da Ágora também foram inspirados por dois outros princípios. *Ubuntu*, que vem da África, e o conhecido no mundo inteiro *Bem Viver*, de origens andinas, indígenas, “latino-americanas”. Ambos tem como valor fundamental uma abordagem universalista. *Ubuntu* define o ser humano, “eu sou por que nós somos”, e estabelece fortemente a dimensão natural e histórica do coletivo, o caráter relacional e interdependente do ser humano. Já o sentido de *Bem Viver* é mais variado de acordo com os povos indígenas, baseado na relação harmônica entre seres humanos e natureza, uma comunidade mútua, de responsabilidades compartilhadas, produção e riqueza coletivas, de inclusão social e participação... À luz e de acordo com esses princípios, **nós apoiamos a necessidade urgente da desmonetização e desmercantilização dos bens públicos globais que são essenciais para a vida, como água, sementes e conhecimento**, para começar. Deixar o mercado, e em particular os mercados financeiros, decidir sobre esses bens foi um dos erros coletivos mais sérios da últimas décadas.

Nessa perspectiva, a construção da Humanidade se torna um fator chave para o futuro da vida em nome de todos e todas os(as) habitantes da Terra. Sua tarefa, de acordo com todos os trabalhos nos tópicos “Que humanidade?” “O que pensam os cidadãos quando falam da humanidade?” “Quais são as palavras chave para falar sobre a humanidade?” é exatamente **adotar como princípio e guia fundamental a convivência em paz, juntos**. Em vez do imperativo técnico-econômico de competição por poder e sobrevivência. Para este fim, alinhados com a **Carta Global dos Direitos de Proteção**, adotada em Outubro de 2018 em Gent (Bélgica), nos propusemos **ao estabelecimento de um sistema de justiça global baseado em redes públicas “locais” de proteção social compulsória, interconectadas em escala global, sob a autoridade compartilhada do Conselho Mundial de Segurança Monetária** (ver a este respeito no PPC2).

Para completar este primeiro grupo de PPC, devemos, finalmente, alcançar um grande passo simbólico, de alto valor político e social, isto é: a adoção, por municipalidades (comunidades locais) da carteira de identidade “Habitação da Terra” para todos os seus habitantes (se os mesmos requisitarem). A Ágora insistiu fortemente que antes de sermos cidadãos noruegueses, peruanos,

egípcios ou vietnamitas, húngaros ou mexicanos... todos os seres humanos são habitantes da Terra em igual dignidade e responsabilidade em relação a vida na Terra.

Enfrentando a expropriação da humanidade por conta da apropriação patrimonial da nossa pessoa pelo Estado Nacional e do sequestro produtivo de nossa produtividade pelo sistema econômico capitalista, o qual é cada vez mais avançado tecnologicamente, o conceito de “Habitação da Terra” nos permite reinventar o futuro da vida em uma base mais ampla e integral. Isso vai além da fragmentação e fronteiras que pertencem a uma memória antiga, e a qual muitos expoentes da “nova geração” adulta quer retornar. Por conseguinte, a ideia inovadora da emissão de uma carteira de identidade “Habitação da Terra”, que não tem um imediato valor legal, mas um alto valor simbólico, cultural e político.

Já foram dez grandes e pequenos municípios na Argentina (San Lorenzo), Catalunha/Espanha (Palau Saverdera), Itália (Fumane, Canegrate, Fugarolo Rocca, Simmacampagna, Riace, a oitava municipalidade de Roma), Portugal (Lisboa)² e Tunísia (La Maesa), que se juntaram à iniciativa com resoluções municipais. Alguns representantes dos municípios estavam inclusive presentes (Canegrate, oitavo município de Roma).

PPC2

A segunda área de prioridade de ação se concentra na questão da desigualdade em particular, nas ideias e práticas sociais amplamente difundidas pelo mundo como “naturais” e supostamente “inevitáveis”. A desigualdade é principalmente um produto social de sociedades injustas. Portanto, seus fatores estruturais podem ser modificados e removidos. Entre eles, certamente um dos mais importantes e decisivos em nossos tempos é o, assim chamado, direito privado de propriedade intelectual sobre criaturas viventes, que foi legalizado nos EUA em 1980. As patentes privadas em organismos vivos, assim como as sobre algoritmos e inteligência artificial em geral, devem ser abolidas. Sem essa abolição indispensável, como expressado repetidamente com convicção e firmeza pelos participantes da Ágora, será impossível lutar contra os processos geradores de desigualdade social e de direitos, injustiças fruto da commoditificação, comercialização e privatização da vida. Também está claro que nenhum progresso significativo será feito em termos de desenvolvimento sustentável e contenção das causas do aquecimento global, se o direito das patentes privadas sobre criaturas viventes for mantido.

Obviamente, combinada com a ação de abolir as patentes privadas em organismos vivos e inteligência artificial, a Ágora adotou a proposta de criar um **Conselho de Segurança Mundial dos Bens Públicos do Mundo (começando pela água, sementes e o conhecimento)**. Esse conselho representa um grande passo adiante. As 24 COP's (“Partes da Conferência”) organizadas cada ano pela ONU desde 1993 para a questão da mudança climática não tornou possível atingir nenhum progresso substancial, se considerarmos os enormes recursos humanos e financeiros mobilizados pelas “lideranças mundiais” para este propósito. Por que? Principalmente por conta do princípio de *soberania nacional sobre os recursos naturais* e o princípio associado, de que *é obrigação de cada Estado assegurar e promover a segurança nacional* primeiramente (energia, comida, água,

² Ótima notícia sobre este assunto: o prefeito de Lisboa não apenas deu seu apoio à iniciativa, mas declarou sua vontade de receber em Lisboa os próximos eventos da Ágora d@s Habitantes da Terra.

mineração, etc...) Desta forma, não há plano mundial, com questões definidas e aprovadas por todos os Estados, em relação aos compromissos que devem ser respeitados pelos Estados. Cada Estado é livre para escolher, em plena soberania, seus compromissos para supostamente contribuir em manter o aumento médio na temperatura da Terra em menos de 2 graus. Mais além, a avassaladora maioria dos Estados abandonaram sua soberania sobre os recursos naturais vendendo sua propriedade, ou transferindo sua gestão e controle, para companhias privadas. Neste contexto, é inevitável que “em nome da segurança nacional”, os Estados priorizem focar na competitividade de sua economia nacional nos mercados mundiais. O resultado são guerras intermináveis para tomar o controle dos recursos e um abandono de todas as preocupações relativas à segurança coletiva da vida na Terra. Existe chance para implementar as duas propostas (abolição de patentes sobre seres vivos e algoritmos, e a criação do Conselho de Segurança Mundial dos Bens Públicos Comuns) somente na condição de que a lógica que sustenta os objetivos e funcionamento do sistema financeiro da economia dominante seja mudada. Por esta razão, nós identificamos e propusemos as seguintes medidas financeiras:

- **a proibição dos paraísos fiscais (que legalizam a evasão), os derivativos (sanguessugas da economia) e as transações financeiras de alta frequência (que operam fora do tempo humano e social)**
- **criar o Banco Mundial Público (em substituição ao Banco Mundial e ao FMI), sob a autoridade e controle do Conselho Monetário Mundial de Segurança, capaz de sustentar as necessidades financeiras do Pacto da Humanidade, sem endividamento e usura.**

De modo geral, a atual dívida privada e pública maciça (desde os anos 1970) para com instituições financeiras / credores, quase todos privados, representa um fenômeno aberrante e ilegítimo da economia existente e merece ser profundamente ajustada e eliminada.

Gritos pela água: sem armas sem produtos tóxicos! Apelo de 15 de dezembro de 2018.

Ágora d@s Habitantes da Terra.

Quem sabe quantos bilhões de pessoas o direito universal à água potável e à higiene (e, portanto, à saúde) poderia ter se concretizado se o mundo tivesse gastado em água nos anos 1975-2000 os dez trilhões de dólares que só os EUA gastaram em armas e guerras! No entanto, ainda hoje os EUA e os outros estados belicistas, ladrões da vida, gastaram (em 2017) mais de um trilhão e meio para "armar-se e fazer guerra"! Não há necessidade de adicionar mais nada. Os grupos sociais dominantes que aprovam de maneira aparentemente democrática gastos militares sem sentido (a China também detonou, depois dos EUA, a bomba não nuclear mais poderosa já produzida), que livremente continua a produzir e usar centenas de substâncias tóxicas particularmente nocivas (que poluir as águas do planeta e contaminar o sangue das pessoas e destruir a saúde da vida na Terra), são irresponsáveis. Eles são mercadores da morte e merecem ser banidos do governo e das posições de poder, e processados por "crimes contra a humanidade e a vida da Terra". O comportamento daqueles que adoram a "correção tecnológica" também é ridículo. Em vez de limpar as águas arruinadas e proteger as que ainda não foram qualitativamente destruídas no planeta, eles pensam em ganhar dinheiro na pele do povo sedento que promete salvaguardar a necessidade de água de todos os habitantes da Terra "graças" à tecnologia de transformar ar em água. A Terra se liberta da sede de água resgatando o futuro da vida do poder dos produtores, dos mercadores da guerra e da cegueira arrogante dos tecnofinanciadores da salvação. Não há nada a esperar deles, a não ser mais guerras e pessoas mais sedentas

para resgatar. Cabe aos habitantes da Terra organizar sua Humanidade em uma multitude de novas formas de vida, local e globalmente, de acordo com os princípios e modalidades discutidos, avaliados e aprovados pela Ágora d@s Habitantes da Terra. Água é vida. O poder de poucos é a negação da vida.

PPC3

Dois dos mais importantes processos-chave para a concepção e implementação de um Pacto da Humanidade consistem em reinventar os bens públicos comuns do mundo como base também para uma responsabilidade global e política de vida e segurança coletivas e, para esse fim, redesenhar/re-projetar um sistema financeiro que sirva à justiça social.

Um terceiro processo chave é banir a guerra.

A quarta diz respeito à promoção de formas democráticas de governança das comunidades humanas "sem fronteiras", do nível local ao global.

Este foi o foco das propostas discutidas sob a tenda da Ágora, particularmente no que diz respeito ao repúdio à guerra (totalmente aderente e comprometida em participar no futuro Jai Jagat 2020, a Marcha Mundial pela Paz, organizada pelo movimento indiano Ekta Parishad: <https://www.jaijagat2020.org/>):

- Ratificar o Tratado de Proibição de Armas Nucleares assinado por 122 países da ONU em julho de 2017;
- Por fim ao comércio de armas e restringir a legalidade da licença de armamento a situações excepcionais. Isto implica, entre outras medidas, a proibição de milícias que estão "defendendo" as atividades de mineração e extrativismo (ver o documento do grupo de trabalho 6).

Além disso, referir-se a formas democráticas "sem fronteiras":

- **A criação de um Parlamento planetário**, na iniciativa do Parlamento Europeu, do Parlatino (América Latina), do Parlamento Pan-Africano, etc.) **encarregado da tarefa de orientar as ações comuns essenciais e urgentes** para restaurar a saúde da Terra, **em nome e pelos direitos de todos os habitantes da Terra**. Este seria um passo importante para a institucionalização da Humanidade como tal, para além da lógica interestatal e intergovernamental do sistema das Nações Unidas;
- Realizar várias iniciativas de sensibilização, experimentação e institucionalização, **apoiando a multiplicação de organismos democráticos globais "sem fronteiras" em todas as áreas em que hajam pessoas que vivendo juntas**. Uma ferramenta participativa que deveria seguir nessa direção poderia ser uma Iniciativa Mundial dos Habitantes da Terra no contexto do sistema das Nações Unidas, por agora ao menos, seguindo o modelo da Iniciativa da ONU para os Cidadãos Europeus (ICE) introduzida pela União Europeia. (ver documento do grupo 10) <https://www.worldcitizensinitiative.org>).

PPC4

Em todas as atividades de concepção e implementação de planos, programas e objetivos, é necessário identificar as forças sociais capazes de "dar pernas" às ideias. As duas últimas propostas representam uma tentativa de fornecer uma resposta concreta a essa necessidade, embora ainda

parcial e limitada. Prioridade é dada aos novos movimentos globais de mobilização, por um lado, e às instituições municipais / coletividades locais, por outro:

- **Participação / aliança e apoio a marchas mundiais existentes (de mulheres, Jai Jagat 2020, de migrantes ...) e extensão de seu modelo a outras categorias de habitantes da terra** (mães, professores, jovens, crianças ...)
- O estabelecimento do **Dia d@s Habitantes da Terra** (DIE) no dia 15 de dezembro de cada ano, com o apoio dos Municípios / Coletividades locais. O Dia d@s Habitantes da Terra terá um objetivo concreto específico para alcançar dentro do marco da implementação do Pacto da Humanidade. No dia em que os principais objetivos do Dia forem cumpridos, isso terá terminado sua função e poderá eventualmente ser transformado em outra iniciativa a serviço do Pacto da Humanidade.

CONCLUSÃO

O futuro da vida na Terra ainda está nas mãos dos Habitantes da Terra.

Estamos convencidos de que as propostas apresentadas são relevantes, apropriadas e exequíveis. Tudo dependerá das lutas culturais e sociais que as acompanham. A história humana é composta de muitas falhas locais, setoriais e temporais de muitas boas propostas. No entanto, é encorajador saber que a história humana, mais cedo ou mais tarde, consegue alcançar o que para muitas pessoas e instituições, durante muitos anos, tem sido considerado uma utopia irrealista e inatingível. O desdobramento da vida é mais rico em criatividade do que a racionalidade humana pode imaginar.

Teremos o prazer de fornecer mais informações e explicações para todas as pessoas e organizações interessadas no acompanhamento das propostas contidas na "Carta". Dentro de algumas semanas, estaremos lançando a campanha de aumento de membros. Gostaríamos de salientar que, por iniciativa de vários grupos e /ou redes que participaram da Agora, vários eventos específicos já foram planejados ou propostos em 2019. (Agora das mães, que conecta a Calábria e a Sicília , a Ágora das crianças, a Ágora no glossário da humanidade, no Conselho de Segurança dos Bens Públicos Mundiais e no Dia dos Habitantes da Terra ...). Muitas são as iniciativas tendo os olhos no futuro.